NOTAS E TRANSCRIÇÕES

"Os Sertões" de Euclides da Cunha: uma análise geográfica

Caio Lóssio Botelho(*)

A obra *Os Sertões* de Euclides da Cunha, é a expressão máxima da universalidade científica e literária da língua portuguesa no Brasil. Seu trabalho está para o nosso País, Povo e Nação brasileiras, assim como *Os Lusíadas* foram para o idioma português na Nação lusa.

Origem da língua portuguesa

O idioma português, na Europa, foi decorrência da síntese dialética da língua dos povos Iberos, Celtas, Romanos (Latim), Gregos, Visigodos, Árabes, Mouros, Sarracenos etc.

Enquanto que, a língua portuguesa no Brasil resultou de uma integração, conciliação e síntese do idioma lusitano como às línguas indígenas e africanas, sob a ação cromatizante do meio trópico-equatorial.

A unidade lingüística, psicológica, cultural, histórica, civilizatória, no inconsciente coletivo da Nação brasileira, gerou uma solidariedade orgânica e mecânica, a ponto de alguns cultores da nossa língua pátria denominá-la de língua "brasileira".

Analogia de *Os Sertões* com outras obras literárias do mundo

Reino Unido da Grã-Bretanha – o livro *Os Sertões* está para a língua portuguesa falada no Brasil, assim como as obras de William Shakespeare estão para o idioma inglês.

(*) Sócio Efetivo do Instituto do Ceará.

Espanha – da mesma forma que, a obra *Dom Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes, e as obras completas de *Ortega Y Gasset*, estão para o espanhol.

Alemanha – as traduções da Bíblia em alemão elaborada por Martinho Lutero e as obras completas de *Goeth*, estão para a língua alemã.

Portugal – *Os Lusíadas* representam a maior expressivida de do quadro épico e lírico observado da língua portuguesa pela Nação lusa.

As obras: *A Ilíada, A Odisséia, A Eneida*, os trabalhos de Ariosto, Tasso, Dante, Rousseau, Montaigne, Erasmo são verdadeiras enciclopédias dos conhecimentos literários e científicos do seu tempo, assim como *Os Sertões* para a chamada língua "brasileira".

Brasil – a interação homem x natureza em nossa língua, atingiu o seu clímax dialético nesta incomensurável obra de Euclides da Cunha, que chega a romper os limites de um homem enciclopédico. Com OS SERTÕES nasce realmente a estrutura e a definição da alma do Povo e da Nação brasileiras, onde Euclides da Cunha pinta com maestria a epopéia do povo e da nação brasileira, tudo isto, envolto com profundas reflexões astronômicas, climáticas, meteorológicas, geológicas, botânicas, antropológicas, sociológicas, psicológicas e geográficas, num diálogo que sintetiza com muita sapiência não só o vazio e o pleno da ocupação do nosso espaço.

Correlações com a geografia e a história

Este trabalho não é uma anatomia regional, como se o autor cingisse simplesmente a uma descrição espacial, consubstanciada numa falsa corografia toponímica, como se estivesse decorando a imobilidade orgânica dos cadáveres.

Explica, lê, ainda, o funcionamento da relação espaço x homem, dentro da visão de gênese, e de uma óptica evolutiva. Interpreta com percuciência a dinâmica do espaço natural x social. Explica como o homem interferiu neste território, transformando-o no espaço social.

A relação sociedade x natureza, lembra a afirmativa lúcida de Oswald Spengler quando dizia: "*O País começa a existir quando a cidade e o campo se confrontam*".

"*No confronto do campo e da cidade, os homens tocam, pela primeira vez, uma zona de pele ainda intacta da História*", como queria Ortega y Gasset.

De acordo com a assertiva de Geraldo Mello Mourão: "*O povo (brasileiro) foi criado pelo sopro da palavra de Euclides da Cunha, retratado nos SERTÕES.* Este autor ainda aduz que: "*Esta é a atmosfera própria da epopéia, e a epopéia é própria do nascimento dos povos*".

O dualismo brasileiro

A dialética do espaço brasileiro gerou o dualismo entre o Brasil continental (sertão) e o Brasil marítimo (litorâneo). A primeira resposta (a antítese) ao desafio do sertão brasileiro no complexo nacional, ocorrida com o fenômeno de Canudos, que despertou a atenção do sertão na formação da alma nacional brasileira. O impacto da dialética do litoral (de fortes tradições culturais européias) e do hinterland (expressão máxima do misticismo antropológico, na formação de nossa Nação).

O segundo impacto se verificou com a transferência da Capital do País para o Planalto Central brasileiro (sertão) a qual propiciou a incorporação e a integração ao corpo orgânico do Brasil à toda região oeste do País, através da dilatação e função com o tecido orgânico de nossa Federação.

A mudança do centro político do Brasil, com a transferência da Capital Federal para o Planalto Central (Brasília), determinou a despolarização econômica e política do Rio de Janeiro (sendo esta, atualmente, apenas a Capital cultural). Este acontecimento levou também a transferência da capital econômica para São Paulo, fato este, realizado pelo grande estadista Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Euclides da Cunha no seu trabalho *Os Sertões*, faz uma análise do espaço natural, onde destaca que no mesmo se assenta o

espaço social, onde o fator ambiental ou meio geográfico (físico e biológico) não é determinante.

Ressalta aquele autor que esta ação provém de uma organização evolutiva que formou e liberou o novo espaço (cultural – tecnológico - civilizatório) para nele integrar a História. Destaca mesmo que o espaço geográfico é um produto social, porém tem sua gênese e se apóia no substrato físico e mesmo cosmológico.

Por isto, o espaço geográfico é acima de tudo limitativo e permissivo, isto é condicionante.

Nesta monumental obra, observamos que o espaço geográfico resulta da ação antrópica para integrar a História, a qual deve a sua matéria ao espaço natural e mesmo cosmológico, onde se percebe claramente que a humanidade é um ramo da natureza cósmica que sofreu inicialmente o desafio da seleção natural e posteriormente substituída pela seleção humana e tecnológica.

Concordamos, portanto, com Elissée Reclus *quando dizia: O homem é a natureza adquirindo consciência de si próprio,* e com Spinoza quando afirmava: *O homem é a parte imanente da natureza que possui a peculiaridade de não ser apenas parte e sim capaz de tomar parte na atividade da própria natureza.*

Notamos que a obra euclidiana *Os Sertões* está envolta numa solidariedade cósmica na geofísica e biofísica terrestres.

Schelling afirmava que "*quando procurava interpretar a reconciliação de natureza com a história, esta se fazia através da compreensão do mundo, da sua ordenação e da transformação do Planeta através da tecnologia*".

Lamentamos que no período de nossa adolescência, quando da primeira leitura de *Os Sertões*, não dispúnhamos de um trabalho de envergadura como o *Dicionário de verbos de Os Sertões* – Salomão Pinheiro Maia, por isto éramos obrigados a compulsar dezenas e dezenas de dicionários para o entendimento dessa respeitável obra.

Hoje, a mocidade dispõe deste *Dicionário* que é de uma importância transcendental para a melhor compreensão do monumento literário de Euclides da Cunha. Para o entendimento desta "bíblia" nacional brasileira, temos a registrar dois momentos:

1. Quando não existia o *Dicionário de verbos de Os Sertões*, as dificuldades lingüísticas se avolumava numa progressão geométrica;

2. Com a presença do citado DICIONÁRIO, onde a lucidez, o talento, o brilho, a inteligência, o esforço homérico, a dedicação à pesquisa e a paciência " geológica" de Salomão Pinheiro Maia permitiram a consolidação desta obra ciclópica e literária de *Os Sertões* do grande Euclides da Cunha – verdadeiro fundador da chamada língua "brasileira".

Estas são as ponderações, ressalvando as nossas limitações no processo de nossa filologia lingüística da língua nacional.